

**O PORTUGUÊS DO BRASIL
QUESTÕES DE SUBSTRATO, SUPERSTRATO
E ADSTRATO**

Afrânio da Silva Garcia (UERJ)

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é o de apresentar, de maneira clara e sucinta, o que vêm a ser *substrato*, *superstrato* e *adstrato* e de que maneira eles influíram no *português do Brasil*. Além disso, por achar pertinente, incluí um estudo do *substrato*, *superstrato* e *adstrato* no *português europeu*, já que o português chegou ao Brasil já influenciado por eles.

Para efeito de apresentação, dividi meu trabalho em três partes: na primeira, apresento as definições de Mattoso Câmara Jr., Wilton Cardoso & Celso Cunha, e Martinet, seguidas de um resumo de tais definições; na segunda, apresento os efeitos do *substrato*, *superstrato* e *adstrato* no português europeu e, em seguida, procuro resolver a questão a respeito das influências indígenas e africanas no português do Brasil, se elas seriam uma influência de *substrato* ou *adstrato* e de que maneira se manifestaram essas influências; por último, apresento as conclusões a que cheguei com meus estudos.

Quanto à importância do meu trabalho, acho-o bastante interessante como um resumo do que foi escrito a respeito do assunto, ou seja, *substrato*, *superstrato* e *adstrato*, inclusive com indicações bibliográficas para uma pesquisa mais profunda.

Em relação a sua originalidade, acredito que, apesar do muito que se tem escrito sobre o assunto, será garantida pela minha visão pessoal do tema e, conseqüentemente, da minha maneira pessoal de apresentá-lo.

DEFINIÇÕES DE SUBSTRATO, SUPERS-TRATO E ADSTRATO

Muito embora a maioria dos linguistas utilize, hoje em dia, os conceitos de *substrato*, *superstrato* e *adstrato*, o sentido que eles atribuem a tais termos varia um pouco, o que torna necessário uma tentativa de definição de tais conceitos, antes de começarmos a lidar

com eles.

Para tal fim, apresento as definições de Mattoso Câmara Jr., de Wilton Cardoso e Celso Cunha e de Martinet, para depois apresentar uma definição que resuma essas três definições.

A definição de Mattoso Câmara Junior

Mattoso Câmara Junior apresenta, em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, as seguintes definições:

a) *substrato* – nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política;

b) *superstrato* – nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido;

c) *adstrato* – toda língua que vigora ao lado de outra (bilíngüismo), num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos.

A definição de Wilton Cardoso e Celso Cunha

Wilton Cardoso e Celso Cunha, por sua vez, nem chegam a abordar o que seja *adstrato*. Eles fazem a seguinte definição:

a) *substrato* – toda influência que a língua desaparecida imprime no idioma sobrevivente;

b) *superstrato* – a influência de outras línguas sobre a primitiva, que todavia se mantém.

A definição de Martinet

Martinet não só define *adstrato* e *superstrato*, como apresenta duas definições para *substrato*:

a) *substrato*₁ – língua que existia numa certa região, mesmo que não tenha influenciado a língua posterior;

b) *substrato*₂ – língua antiga e, eventualmente, desaparecida

Departamento de Letras

que deixou vestígios na língua que chegou e predominou;

c) *superstrato* – conjunto de elementos lingüísticos trazidos por uma língua vinda do exterior que coexistiu algum tempo com a língua local;

d) *adstrato* – língua que conviveu ou convive em pé de igualdade com a língua local.

Resumo das definições

Como vimos, a definição dos termos *substrato*, *superstrato* e *adstrato* varia bastante, assim como o que cada autor abrange com cada termo. Assim sendo, o *árabe*, que Mattoso classifica como *adstrato*, é caracterizado como *superstrato* por W. Cardoso e C. Cunha, os quais também classificam o grego como exemplo de *substrato*, além das línguas pré-romanas apontadas por Mattoso.

Se fizéssemos um resumo das três definições, partindo-se sempre do mais geral, teríamos:

1) *Substrato* – língua nativa desaparecida de um povo dominado, que adotou a língua do dominador;

2) *Superstrato* – língua nativa de um povo dominador desaparecida, em virtude de este povo ter adotado a língua do povo dominado;

3) *Adstrato* – qualquer língua que conviveu ou convive em pé de igualdade (*bilingüismo*) com outra língua.

Essa conceituação abrangeria quase todas as influências que a língua portuguesa sofreu em sua formação, quer como português de Portugal, quer como português do Brasil, ficando de fora apenas: as palavras de *empréstimo às línguas modernas*: galicismos, anglicismos, palavras de origem alemã, italiana, espanhola, russa, húngara, turca, polonesa e asiática; e as palavras de *empréstimo às línguas de cultura*: latinismos, helenismos, palavras de origem hebraica ou sânscrita.

SUBSTRATO, SUPERSTRATO E ADSTRATO
NO PORTUGUÊS

Podemos definir as influências de *substrato*, *superstrato* e *adstrato* como pertencentes a dois tipos: aquelas referentes ao português de Portugal e aquelas referentes ao português do Brasil. Como o Brasil, após a colonização portuguesa, nunca foi conquistado por nenhuma outra nação, a questão das influências devidas ao *superstrato* não se aplica ao português do Brasil.

Substrato, superstrato e adstrato no português europeu

O *substrato do português europeu* é constituído pelas línguas ibéricas, anteriores à conquista romana. São elas:

1) *Ibérico* – exerceu bem pouca influência, não chegando a mais de trinta palavras. As mais importantes são: *barro, baía, bezerro, balsa, cama, esquerdo, garra, manto e sapo*.

2) *Celta* – sua influência, embora pequena, é bem maior, mas compreende, além do *substrato*, palavras de importação recente, como *menir, dólmén, druida e bardo*, e palavras incorporadas ao latim antes da conquista da Península Ibérica. As palavras de origem céltica mais importantes são: *bico, cabana, caminho, camisa, carro, cerveja, gato, gordo, lança, légua, peça e touca*.

3) *Fenício e púnico* – é quase nula a influência do fenício e sua variante dialetal, o *púnico* (de Cartago). A única palavra de pura origem fenícia incontestável é *barca*, enquanto as palavras de origem púnica são: *mapa, mata e saco*.

4) *Grego* – embora sejam inúmeras as palavras portuguesas de origem grega, raras são as que se pode atribuir, sem margem de dúvida, ao *período de dominação grega* na Península Ibérica, anterior à conquista romana. São elas: *bolsa, cara, corda, calma, caixa, ermo, governar, golfo e órfão*.

O *superstrato*, representado pelas palavras de origem germânica, introduzidas pelos *visigodos, suevos e vândalos*, constituiu-se numa influência bem mais acentuada do que aquela do *substrato*. São, na maior parte das vezes, palavras ligadas à *vida militar* e aos costumes próprios dos *germanos*, tais como a *guerra* e o *saque*. As

mais importantes são: *acha, arauto, arreio, agasalho, albergue, anca, aspa, barão, banco, banho, branco, brasa, brandir, dardo, esgrimir, espiar, elmo, espeto, estaca, estribo, espora, estampar, escarnecer, feudo, fato, feltro, fralda, fresco, ganso, garbo, guarda, grupo, galardão, guia, lata, lasca, liso, marco, morno, rico, roupa, roubar, saga, sopa, tirar, trepar, trégua* e os pontos cardeais: *norte, sul, leste, oeste*. Além das *palavras de origem germânica* devidas ao *superstrato*, existem ainda as que já haviam sido introduzidas no latim à época da conquista romana da Península Ibérica, como *guisa* e *roca* (pré-góticos), *harpa, carpa, sabão, burgo, coifa, bando* e *arenha*, assim como outras, cuja origem se prende não ao *germânico*, mas ao *alemão*: nomes de *elementos químicos, talco, obus* e *valsa*.

O *adstrato* compreenderia, de acordo com a definição final resumida exposta anteriormente, as seguintes línguas:

1) *Árabe* – embora tenha ocorrido uma *grande influência árabe*, ela se limitou quase que exclusivamente ao vocabulário. As palavras de origem árabe são fáceis de reconhecer pela presença do artigo invariável *al*, quer inalterado ou reduzido a *a*, quando antes de *x, z, c* e *d*: *arroz, azeite, açougue* e *aduanas*.

Os nomes árabes mais frequentes relacionam-se a:

a) *Plantas*: algodão, alecrim, alface, alfafa, alfazema, açafreão, açucena, alcachofra, benjoim e bolota.

b) *Instrumentos variados*: alaúde, tambor, alicate, alfanje, al-gema, aljava, almofariz e gaita.

c) *Ofícios e oficinas*: alcaide, alfaiate, alferes, almoxarife, califa, emir; aduana, alcova, aldeia, armazém, arrabalde e arsenal.

d) *Alimentos e bebidas*: aletria, acepipe, álcool, almôndega e xarope.

e) *Medidas*: alqueire, arroba e quintal.

Além dessas temos *palavras de significação vária*: álcali, alarde, alarido, alcunha, algazarra, álgebra, azulejo, alvará, almofada, alcatéia, azeviche, azar, cáfila, javali, cifra e zero; os *adjetivos* garri-do, forro, mesquinho e baldio; uns poucos *verbos*, como alcatifar; e a interjeição *oxalá* (proveniente do árabe “*in sha Allah*”).

2) *Provençal* ou *occitânico* – já que este conviveu longamente com o português, a influência do *provençal* ou, modernamente, *occitânico*, pode ser enquadrada como influência do *adstrato*. Apesar da longa convivência entre o *português* e a “*langue d’Oc*”, no entanto, a presença de palavras de origem *provençal* é bem menor do que seria de se esperar, concentrando-se, basicamente, em vocábulos relacionados com a vida nas *cortes*, tais como: *alba, balada, bedel, coxim, cadafalso, estandarte, homenagem, jogral, justa, paliçada, refrão, sirventês, trova, truão, tropel, vassalo* e *vianda*. Além dessas, temos algumas palavras de uso mais geral, como: *a legre, anel, artilharia, salitre, rouxinol* e *viagem*.

Substrato e adstrato no português do Brasil

A questão que se levanta em relação aos *elementos indígenas e africanos* no português de ultramar é se eles seriam um exemplo de *substrato*, isto é, a língua nativa desaparecida de um povo dominado, ou de *adstrato*, ou seja, uma língua que conviveu com outra em estado de *bilingüismo*, antes de desaparecer. As evidências indicam ser a segunda hipótese a mais acertada, uma vez que:

1) Nunca houve um real contato dos colonizadores portugueses com as línguas indígena ou africana no Brasil. Havia, isto sim, duas diferentes *línguas de intercurso*, isto é, línguas simplificadas para entendimento mútuo entre dois povos de línguas diversas, que necessitam se comunicar. Por um lado, tínhamos a *língua geral*, uma versão simplificada da língua *tupi*, que era usada pelos brancos e mamelucos (filhos de índia com branco) em seus contatos com os aborígenes. É importante notar que essa *língua geral* já existia muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil, sendo usada pelos índios da tribo *tupi* como meio de comunicação com as demais tribos de famílias lingüísticas diferentes, que falavam as famosas *línguas travadas*, de aprendizado difícil. Por outro lado, tínhamos um *semicrioulo português*, com o qual os portugueses se comunicavam com os *negros escravos* e, também, com os índios e mestiços. Essa comunicação entre brancos e negros através desse *semicrioulo português* era facilitada pelo fato de haverem já os negros aprendido tal português na África, nas possessões portuguesas de onde tinham sido comprados. À exceção dos padres jesuítas e dos mercadores de es-

cravos e tripulantes de navios negreiros, praticamente nenhum português entrou em contato direto com qualquer outra língua que não fosse a *língua geral* ou o *semicrioulo português*.

2) Os *índios brasileiros*, salvo raríssimas exceções, *jamais abandonaram sua língua* para adotar a do conquistador; pelo contrário, no começo da colonização, a *língua geral* era mais falada do que a *portuguesa*, devido à grande superioridade numérica dos mamelucos e índios sobre a população branca.

A *língua geral* só deixou de ter importância pelo fato de os portugueses terem chacinado seus falantes, como nos diz Serafim da Silva Neto: “um documento jesuítico nos diz que as 40 mil almas... estavam reduzidas a 400.”

Os *negros* também não abandonaram seu *português crioulo* para aprenderem a *língua portuguesa padrão*. O principal motivo disto foi que o Brasil, profundamente *escravocrata e racista*, não fornecia qualquer tipo de educação aos negros; a estes, bastava que soubessem o *português crioulo*, para que pudessem entender as ordens e cumpri-las.

As evidências aqui apresentadas servem para caracterizar tanto os elementos *tupis* como os *africanos* como influência do *adstrato*, e não do *substrato*, no *português do Brasil*. É digno de nota o fato de que tanto a *língua geral* como o *semicrioulo português* serem *línguas de intercurso*, donde seria de se esperar que influenciassem o português da mesma forma; tal fato, no entanto, não se deu. Enquanto a *língua geral* teve influência, quase que exclusivamente, sobre o *léxico*, a influência do *semicrioulo português* se exerceu, basicamente, sobre a *morfologia* e a *fonologia*.

Influência da língua geral sobre o português do Brasil

Como dissemos, tais influências se verificaram principalmente no *léxico*, pela introdução de inúmeras palavras novas. Essas palavras são, geralmente, relacionadas a:

1) *Animais* – araponga, arara, capivara, curió, cutia, gambá, jibóia, jacaré, jararaca, juriti, lambari, paca, piranha, quati, sabiá, saúva, tamanduá, tatu e urubu.

Faculdade de Formação de Professores

2) *Plantas* – abacaxi, capim, carnaúba, cipó, imbuia, ipê, jabuticaba, jacarandá, jequitibá, mandioca, peroba, pitanga, sapé, taquara e tiririca.

3) *Utensílios* – arapuca e jacá.

4) *Alimentos* – moqueca e pipoca.

5) *Fenômenos naturais* – piracema e pororoca.

6) *Crendices* – saci, caipora e curupira.

i) *Doenças* – catapora

Além disso, cita-se como influência da *língua geral* o uso de *ele* (e suas variantes) como *acusativo*, ao invés do pronome oblíquo *o* (e suas variantes), mas o uso de *ele* como *objeto direto* já se manifestava como uma tendência provável de evolução do português antes mesmo do descobrimento do Brasil.

Influência do *semicrioulo português* sobre o português do Brasil

A influência do *semicrioulo português* manifesta-se sobre três níveis de estruturação da língua, que são:

1) *Fonológico* – apresentando os seguintes casos:

a) redução de *ditongo* a *vogal*: *dotô* por *doutor*; *isquêro* por *isqueiro*;

b) transformação do *lh* em *iode*: *muié* por *mulher*; *oiá* por *olhar*;

c) assimilação dos *grupos consonantais* em *nasal*: *tomano* por *tomando*; *quano* por *quando*; *tamém* por *também*;

d) queda do *r* final: *amô* por *amor*; *muié* por *mulher*; *fazê* por *fazer*;

e) queda do *l* final: *generá* por *general*; *papé* por *papel*.

2) *Morfofonológico* – apresentando os seguintes casos:

a) queda da *primeira sílaba* do verbo *estar*, como em *eu tô*:

Departamento de Letras

b) *aglutinação fonética*, como em *zóio* por *olhos*; *zunha* por *unhas*; e *zoreia* por *orelhas*.

3) *Morfológico* – manifesto por:

a) *simplificação da flexão verbal*, reduzida a somente *duas* pessoas, como em:

“*eu compro*”

“*tu/você compra*”

“*ele/ela compra*”

“*nós compra*”

“*vocês compra*”

“*eles/elas compra*”

b) *queda da flexão de número do determinado*, como ocorre em: “*as muiê*” por “*as mulheres*”; “*esses home*” por “*esses homens*”.

Houve, também, uma influência desse *semicrioulo português* sobre o *léxico*, mas reduzida quase que exclusivamente a coisas típicas africanas, tais como:

a) *Religião*: macumba, mandinga, candomblé, babalaô e orixá;

b) *Comida*: tutu, angu, abará, cachaça e vatapá;

c) *Instrumentos*: agogô, samba, maracatu e ganzá;

d) *Doenças*: caxumba, calombo, calundu e banzo;

e) *Objetos de uso*: cachimbo, carimbo, miçanga e tanga;

f) *Animais e plantas*: camundongo, marimbondo, inhame, chuchu, jiló, maxixe e quiabo;

g) *Locais*: mocambo, quilombo e senzala;

h) *Pessoas e relações pessoais*: moleque, mucama, milonga, molambo, muxoxo, quizília e denço.

É importante ressaltar que muitas das influências desse *semicrioulo português*, nos campos *morfológico* e *fonológico*, senão todas, já existiam como *tendências atuantes* ou *possibilidades latentes*

na língua portuguesa padrão, havendo mesmo certas modificações, imputadas ao *semicrioulo português*, que remontam ao latim vulgar. Além disso, mesmo no *léxico*, a influência foi pouca, já que muitas das palavras de origem africana existentes no português já existiam à época do descobrimento do Brasil, como é o caso de *inhame*.

CONCLUSÃO

Pelo que vimos até o momento, podemos chegar às seguintes conclusões:

1) A influência do *substrato* no português é de pouca importância, resumindo-se ao *léxico*, mesmo assim num *número pequeno de palavras*.

2) A influência do *superstrato*, apesar de bem maior, é resumida também ao *léxico* e muito especializada, sendo que muitas de suas formas, como *garbo*, *saga*, *elmo*, *arauto*, etc., tornaram-se *obsoletas* ou *excessivamente restritas*.

3) A influência do *adstrato* é a mais importante de todas. Com exceção do *provençal*, todas as línguas que conviveram com o português, quer em Portugal: o *árabe*, quer no Brasil: a *língua geral* e o *semicrioulo português*, penetraram bastante no nosso *léxico*, sendo que o *semicrioulo português* serviu, ainda, para detonar certas *potencialidades latentes* do português e intensificar o *processo de evolução* já existente, de uma maneira muito mais intensa, é claro, nas *populações de baixo nível de escolaridade e instrução*.

Departamento de Letras

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 42, 227-228 e 230.

———. *Dispersos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975. p.71-87

———. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1919. p. 1-11 e 26-31.

CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso F. da. *Estilística e gramática histórica; português através de textos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1918. p. 133-148 e 238-250.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982. p. 32-33, 189-191 e 323-341.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977. p. 18-209.